

## Perspectivas e trajetórias de vida: mulheres de Timor-Leste com ensino superior<sup>1</sup>

Camila Tribess<sup>2</sup>, Cláudia Kreidloro<sup>3</sup>, Ethiana Sarachin<sup>4</sup>,  
Gabriela Batista<sup>5</sup>, Juliana Santiago<sup>6</sup>, Vanessa Diniz<sup>7</sup>

### Introdução

Este artigo tem por finalidade expor brevemente a pesquisa realizada no âmbito do Grupo de Estudos sobre Mulheres de Timor-Leste (GEM) do Programa de Qualificação de Docentes e Língua Portuguesa (PQLP/CAPES) da Cooperação Brasileira em Timor-Leste. O grupo realizou, durante o ano de 2014, leituras e reflexões sobre as principais questões relativas às mulheres em Timor-Leste, tendo como textos condutores estudos sobre a violência doméstica em Díli (Simiao 2006), o papel das mulheres no desenvolvimento rural (Narciso and Henriques 2008), sobre Barlaque (Silva 2012)<sup>8</sup> entre outros. Nessas leituras, foi possível perceber que os relatos das mulheres, na maioria das vezes, problematizam a vitimização, apresentando histórico de violência e sujeição nos quais geralmente suas vozes acabam silenciadas.

Conforme aponta Perrot (2005), esse silenciamento não significa que as mulheres tenham sempre respeitado, de forma passiva, as condições sociais e culturais impostas. Além disso, consideramos pertinente compreender as transformações que ocorreram ao longo do processo histórico que, segundo Durand (2009), trata de uma sociedade que funcionava com alguns grupos matrilineares no período pré-colonial, em que as mulheres ocupavam uma posição importante e teriam perdido, ao longo dos séculos, sua participação em diversos setores das comunidades devido a influências externas.

Ansiávamos em conhecer a história a partir das mulheres como sujeitos sociais de sua própria vida e trajetória, tentando perceber suas escolhas e vivências. A partir dessa inquietação e de depoimentos cedidos por algumas mulheres de Timor-Leste - especialmente elaborado para nossa pesquisa, buscamos nas histórias individuais as respostas para algumas de nossas inquietações.

Após algumas leituras chegamos às seguintes questões iniciais de pesquisa: quem são as mulheres com acesso ao ensino? Qual a influência da educação na vida dessas mulheres? Qual a relação da educação com a vitimização e as relações sociais? Assim, chegamos ao seguinte tema de pesquisa: *mulheres com ensino superior em Díli: mudanças e trajetórias de vida*, cujo o objetivo principal consiste em buscar compreender de que maneira a mulher enxerga em sua vida a influência do ensino superior e como este acesso modificou sua experiência enquanto mulher em Timor-Leste. Tentamos responder a essas questões por meio de entrevistas com professoras e alunas que estão no ensino superior atualmente.

No que diz respeito à metodologia, essa pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, servindo-se de entrevistas semiestruturadas, realizadas individualmente, como meio para a coleta de dados. A entrevista semiestruturada é realizada a partir de um esquema básico, porém sem rigidez, podendo o entrevistador fazer adaptações. Ela também possibilita uma liberdade de percurso conforme o entrevistado e o decorrer do trabalho. Tentamos levar em consideração o contexto social, histórico e

<sup>1</sup> Este trabalho é resultado da pesquisa realizada no âmbito do Grupo de Estudos sobre Mulheres de Timor-Leste (GEM) da cooperação brasileira em Timor-Leste de 2014 a 2015 (PQLP/CAPES) e será publicado de forma mais completa em livro.

<sup>2</sup> Mestra em Ciência Política pela Universidade Federal do Paraná.

<sup>3</sup> Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Campinas.

<sup>4</sup> Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>5</sup> Pós-graduanda em Gênero e Diversidade na Escola pela Universidade Federal de Santa Catarina e em Psicopedagogia pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci.

<sup>6</sup> Mestra em Linguística pela Universidade Federal do Ceará.

<sup>7</sup> Mestra em Ensino e História das Ciências da Terra pela Universidade Estadual de Campinas.

<sup>8</sup> Segundo Silva (2014), o Barlaque pode ser considerado como uma categoria analítica flutuante, isto é, necessita ser analisada no contexto de cada comunidade. Porém, podemos dizer de forma generalista que o Barlaque é uma série de negociações e de trocas antecedentes ao casamento realizadas pela família do noivo para com a família da noiva.

cultural em que se encontram as participantes desta pesquisa, apresentando, dessa maneira, um olhar possível sobre os sentidos construídos pelas entrevistadas. As perguntas foram em torno da formação acadêmica e a possível ascensão social decorrente dela, a experiência de estudos fora do país e as dificuldades, especialmente as culturais, encontradas por estas mulheres durante sua formação na Universidade. Todas as mulheres entrevistadas para essa fase da pesquisa foram ou são estudantes de graduação ou pós-graduação e passaram algum tempo no Brasil para estudar. Essas mulheres são jovens, entre os 20 e os 40 anos e foram entrevistadas por terem contato direto com alguma das integrantes do grupo de pesquisa. Assim, nossa amostra sofre desse viés, que reflete as dificuldades desse tipo de pesquisa, no entanto, traz possibilidades e dados interessantes para a reflexão que buscamos.

### **Achados preliminares da pesquisa**

Os sujeitos da pesquisa são todas mulheres timorenses, falantes da língua portuguesa. A escolha dessas mulheres partiu principalmente de nossas limitações em trabalhar com o tétum e as outras línguas maternas existentes no país. Essas mulheres já completaram ou estão cursando o ensino superior, com experiências de estudos também no Brasil.

Todas as mulheres que entrevistamos buscaram ou estão buscando no ensino superior uma melhoria na sua condição de vida, principalmente relacionado a uma melhor inserção no mercado de trabalho. A associação entre nível educacional e possibilidade de empregos melhores é direta e declarada nas falas das mulheres:

Eu pensava que o estudo ia resolver minhas dificuldades e também da minha família, então eu pensava que o que era melhor pra mim era ter o ensino superior, e até mais do que isso, para poder trabalhar melhor (Larissa).

Porque é para um melhor futuro e todos ficam felizes (Ivana).

Eu queria ser uma professora, pra não só ajudar minha família, eu queria trabalhar com as crianças e com os adultos também (Carolina).

As mulheres já formadas demonstram estar satisfeitas profissionalmente no contexto em que se encontram, especialmente quando se comparam às amigas ou parentes que não tiveram acesso ao ensino superior. Como exemplo, Larissa relata as mudanças ocorridas na sua vida em consequência do acesso aos estudos.

Sou mais valorizada e valeu a pena, e muito. Tiveram muitas mudanças nessas coisas, eu mudei o lugar de trabalho, estou [lecionando] no [ensino] secundário, mas também na UNTL, e é muito importante (Larissa).

Entretanto, Larissa, a única entrevistada que já concluiu o mestrado, menciona que conseguir um bom emprego não é fácil e que, para as mulheres, essa situação é ainda mais complicada. Ela se considera uma mulher determinada e que luta por melhores condições de vida sem depender de ninguém, mas percebe também que a formação que teve foi determinante no processo de mudanças profissionais em sua vida:

Eu sabia como determinar minha vida, eu fiquei muito independente, eu sabia como trabalhar. Até hoje eu não dependo de ninguém. Mas, aqui existe outra coisa, quando a mulher não tem capacidade, não é bem formada, é uma discriminação, é uma competição. Não é só com os homens, mas também com as próprias mulheres, por exemplo, quem tem conhecimento tem mais acesso, consegue trabalhar em qualquer entidade, em qualquer serviço, então... e quem não tem acesso na educação fica mais difícil pra elas atingirem seus objetivos (Larissa).

Mas o acesso aos estudos e a ascensão profissional não invalidam algumas premissas culturais da estrutura patriarcal que ainda prevalecem na sociedade. Larissa afirma também que, na sua *kultura*<sup>9</sup>, quando a mulher possui estudo, ela deverá ter um esposo cujo nível de formação seja igual ou superior ao da mulher. Pelo menos nos contextos que pudemos conhecer, uma mulher parece não casar com um homem com um nível de instrução inferior ou que possua um salário menor do que o dela. O esposo de Larissa possui curso superior e também trabalha na UNTL.

Podemos perceber algo semelhante na fala de Carolina quando esta relata um pouco sobre sua *kultura* em relação aos estudos e o casamento:

Eu não sei de outras *kulturas*, mas eu sei que na minha *kultura*, as mulheres não podem ter o acesso mais alto que os homens, superior, mais alto, porque depois que ela casar a mulher só trabalha em casa, são os homens que vão trabalhar fora e é isso que os pais pensam, e quando conversam com as filhas dizem assim ‘você não podem estudar muito, depois que acaba o ensino médio pode casar, porque vocês não vão ter responsabilidades’. Isso que incomodam as filhas para não terem vontade de estudar depende dos pais, das *kulturas* próprias, das famílias (Carolina).

As palavras de Carolina evidenciam uma forma de representação dos papéis relacionados ao homem e à mulher. Com efeito, ser homem ou mulher na sociedade não resulta apenas da constituição biológica, mas também dos discursos, das ações, da cultura e da história. Conforme nossos referenciais, em especial Beauvoir (1967) e Meyer (2010), essa constituição é uma construção social e está permeada por relações de poder, as quais ainda estão sob a crença da supremacia do masculino.

Nas nossas entrevistas ficou evidente que o acesso ao estudo permitiu às entrevistadas compreender o quanto elas podem e têm competência para assumir cargos e dar conta da vida pública. Acreditamos que essas mulheres estão percebendo (ou sempre perceberam e agora estão sendo ouvidas) que podem ser ativas na história e podem atuar em espaços que antes eram reservados aos homens.

Por exemplo, quando perguntada se acreditava que o ensino superior transformou sua vida enquanto mulher, Amanda respondeu que:

[...] agora as mulheres tem o mesmo direito que os homens, então as mulheres que tem capacidade, têm coragem (Amanda).

A ligação entre acesso ao trabalho por meio dos estudos apareceu também na fala de Larissa: Até hoje em dia, são poucas mulheres mais velhas que trabalham. Isso aconteceu, porque antigamente o pensamento popular era que o homem devia ter mais acesso do que a mulher. Nas minhas famílias<sup>10</sup> também existe esse preconceito (Larissa).

Quando comparou sua atual condição de professora da UNTL com a vida de suas primas, ela disse:

Hoje em dia, quando eu comparo minha vida, eu acho que tem muitas diferenças com a vida das minhas famílias, minhas primas... elas tinham acesso a qualquer coisa, em dinheiro, em transporte, tudo. Estudo também tinham. É uma pena, mas elas não conseguiram concluir seus estudos, elas esqueceram que escola é uma coisa muito importante. E hoje em dia elas ficam com o quê? Com angústia, fica estressada, porque não tem como trabalhar melhor, trabalha como empregada de pequena fábrica, vende as coisas e é isso (Larissa).

Carolina também reflete sobre suas primas que não tiveram acesso ao ensino superior:

---

<sup>9</sup>Baseadas no texto da professora Kelly Silva (2014), que utiliza para o contexto Timor-Leste a diferenciação de Carneiro da Cunha (2009) entre cultura enquanto categoria de análise sociológica e ‘cultura’ (entre aspas), enquanto os usos dessa palavra na fala dos/as agentes locais, utilizaremos aqui o termo em tétum, *kultura* para fazer referência às falas de nossas entrevistadas em diferenciação ao conceito de cultura enquanto categoria de análise.

<sup>10</sup>Muitos timorenses se referem às ‘suas famílias’, no plural, pelo fato de as estruturas familiares e de parentesco em Timor-Leste serem bastante ampliadas, assim as famílias dos tios, avós, sogros e cunhados são considerados ‘suas famílias’ e a referência no plural especifica este fato.

As mulheres podem ter uma visão própria para escolherem o que querem ser no futuro, e isso é importante para nós que temos acesso escolar. Mas, para os outros que não tem o acesso, isso é muito(...). As famílias, as minhas primas que não tiveram o acesso porque faz parte da responsabilidade dos pais também. Porque quando os pais tem uma vontade, uma coragem pra continuar a estudar no ensino superior, isso é melhor. Mas algumas partes tem uma relação com a *kultura* (Carolina).

A partir dos relatos, podemos perceber que o ensino superior pode proporcionar a essas mulheres maior coragem e autoestima, certa independência financeira e *status* social, possibilitando a elas o poder de serem, em certa medida, donas de suas próprias escolhas. Entendemos ainda que, embora considerem a *kultura* de seu povo muito importante, as participantes da pesquisa refletem sobre algumas questões que podem dar maior liberdade à mulher e compreendem que não precisam necessariamente ficar restritas às tarefas da casa e ao cuidado dos filhos. Amanda, quando questionada sobre quais características do Brasil gostaria que tivesse em Timor-Leste, respondeu que:

as brasileiras, na maioria, são corajosas. A mulher tem coragem de fazer qualquer coisa que ela quiser, e quando eu voltar para Timor eu quero ser mais corajosa e não quero isso só para mim, mas para as outras mulheres também porque lá a *kultura* é mais fechada[...].Eu não vou implementar isso. Com o mundo mais moderno, eu penso que os timorenses vão mudar sobre mulheres e homens, vivemos em uma democracia, mas a *kultura* é fechada, então elas [as mulheres] pensam que não podem fazer o mesmo que os homens ou dar um passo à frente do homem. A mulher sempre está atrás do homem (Amanda).

Amanda acredita que muitas coisas já mudaram em seu país, porém essas mudanças acontecem mais na capital Dili, que é a área mais urbanizada de Timor-Leste. Segundo ela:

Na área rural, nos subdistritos tem os *Knua*<sup>11</sup> e então cada *Knua* tem sua *kultura*. Eu gosto que as meninas brasileiras podem falar sobre educação, sobre política, sobre qualquer coisa. Elas têm o mesmo direito que os homens (Amanda).

Como já mencionado, todas as mulheres entrevistadas moraram por algum tempo no Brasil, contempladas pelas diversas políticas educacionais. Muitos estudantes timorenses que falam língua portuguesa (mesmo que em nível muito básico) têm diversas oportunidades de complementar seus estudos de graduação ou pós-graduação no Brasil ou em Portugal. Esses futuros profissionais se tornarão uma elite no país que, posteriormente, formará os quadros de professores universitários e o médio escalão de governo, ministérios e organizações internacionais.

A ida ao Brasil, em todos os casos, foi apoiada e incentivada pela família, porém todas têm ou tiveram um compromisso de retorno com seus familiares, cada uma de uma forma diferente:

Minha irmã mais velha tem oito filhos e esses filhos são divididos pelos irmãos. Eu sou responsável por duas sobrinhas, então, depois eu tenho que ajudar (Ivana).

É um costume - nas outras famílias eu não sei, mas na minha é um costume - quando eu acabar o curso, eu vou trabalhar e ganhar dinheiro. Se eu trabalho vou ter dinheiro...e vou poder ajudar [...] Na minha família, todos os irmãos ajudam os outros e quando eu voltar, vou ajudar também os filhos deles (Amanda).

O retorno para Timor-Leste, depois de uns meses ou até 2 anos morando no Brasil, causa certo estranhamento e faz com que essas mulheres voltem ao seu país com aspirações, ideias e possibilidades diferentes, que vão desde coisas simples, como ter sua própria casa ao invés de morar com a família do marido, até a modificação de alguns valores fundamentais da sociedade timorense:

Assim, eu senti muitas mudanças depois da minha volta do Brasil. A primeira coisa que eu fiz foi morar sozinha com meu marido e minhas filhas, mas eu senti muita responsabilidade

---

<sup>11</sup>Knua é uma palavra nativa que designa os diferentes clãs e suas casas sagradas, que diferem muitas vezes nas formas rituais e nas práticas sociais comunitárias.

comparando com o passado. Tem que cuidar sozinha das filhas, tem que fazer tudo direito, trabalhar em casa, tem que fazer tudo sozinha, e eu ficava reclamando, porque tinha as coisas da casa... (Larissa).

(...) Por exemplo, tem trabalho que muitas vezes só homens que podem fazer [em Timor-Leste], e as mulheres também poderiam fazer. Então, aqui [no Brasil] eu penso que tudo é possível, que as mulheres podem fazer qualquer tipo de trabalho (Amanda).

Sim, eu decidi [morar em uma casa separada da família do marido]. Mas, tenho as reclamações ... é muito cansativo, saio do trabalho e tenho que trabalhar em casa. Eu sempre falo pro meu esposo 'um dia vou fugir daqui, não vou mais ficar com vocês' (Larissa).

Nesse sentido, percebemos novamente os conflitos entre os modos tradicionais de vida da *kultura* dessas mulheres com os aprendizados proporcionados pela educação e pela vivência fora do Timor. Ao mesmo tempo, que elas têm o apoio para os estudos e para avançarem profissionalmente, elas também enfrentam os problemas das sociedades patriarcais: as jornadas duplas de trabalho, as pressões sociais por ocuparem seus 'lugares' como mulheres de família etc.

### **Algumas reflexões a partir desses achados**

Nos parece que o papel das mulheres na sociedade timorense era marcado e definido culturalmente conforme as etnias e comunidades, mas que muitas mulheres buscaram atuar de formas diversas dos papéis tradicionais, desde a época pré-colonial, até recentemente, no período dos conflitos e da invasão indonésia (1975-1999), seja na participação na luta armada e nas frentes de resistência, seja através de outras formas de organização. Percebemos que a entrada da ONU, do Banco Mundial, da democratização do país e das políticas de incentivo à igualdade de gênero trouxeram avanços e conflitos entre essas novas perspectivas e o papel tradicional das mulheres. Temos, assim, a formação de um novo cenário, onde a mulher ocupa novos papéis, mas ainda enfrenta os preconceitos e as dificuldades de uma sociedade em transição.

A inclusão dessas mulheres se dá através de empregos, de incentivo à formação e de geração de renda, sob o ponto de vista do capitalismo e das receitas de boa governança da ONU. Nesse sentido, a educação promove mudanças e traz possibilidades de transformação na vida das mulheres, que passam a agir com maior autonomia e também se permitem questionar a posição ocupada por elas na sociedade e o próprio local (seja a família ou o trabalho) em que atuam, como aparece na fala das mulheres aqui entrevistadas.

Apesar desses avanços, dentro dos parâmetros ocidentais e capitalistas, essa inclusão não altera e estrutura social que vigora há séculos. As dificuldades que essas mulheres enfrentam junto às suas famílias permanecem e surge o conflito entre a necessidade de cumprir uma agenda estatal de igualdade de gênero e de desenvolvimento capitalista - que necessita da mão de obra qualificada feminina - e de, ao mesmo tempo, cumprir funções previamente determinadas (determinação esta construída pelas *kulturas* de suas comunidades e famílias de origem) como sendo 'dever' das mulheres.

### **Bibliografia**

- Beauvoir, S. de 1967, *O segundo sexo: a experiência vivida*. Volume II. São Paulo: Difusão européia do livro.
- Carneiro da Cunha, M. 2009, 'Cultura' e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais', in *Cultura com aspás e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.
- CPLP. *Plano Estratégico para Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres*. 2013. Disponível em: [http://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2013/12/PLANO\\_ESTRATEGICO\\_VERSAO\\_FINAL.pdf](http://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2013/12/PLANO_ESTRATEGICO_VERSAO_FINAL.pdf) Acesso em janeiro de 2015.
- Durand, F. 2009, *História de Timor – Leste: da pré-história à actualidade*, Lidel, Lisboa.
- Meyer, D. 2010, 'Gênero e Educação: teoria e política', in Louro, Guacira L. et al. (eds) *Corpo, Gênero e sexualidade – um debate contemporâneo*, Vozes, Petrópolis.
- Moraes, R. 2003, 'Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva', *Ciência & Educação* 9(2): 191-211.

- Narciso, V. Henriques, P.D. de S. 2008, *O Papel das Mulheres no Desenvolvimento Rural: Uma Leitura para Timor-Leste*. (working papers) CEFAGE-UE, Universidade de Évora, abril de 2008. Disponível em: [http://www.cefage.uevora.pt/pt/producao\\_cientifica/working\\_papers\\_serie\\_cefage\\_ue/o\\_papel\\_das\\_mulheres\\_no\\_desenvolvimento\\_rural\\_uma\\_leitura\\_para\\_timor\\_leste](http://www.cefage.uevora.pt/pt/producao_cientifica/working_papers_serie_cefage_ue/o_papel_das_mulheres_no_desenvolvimento_rural_uma_leitura_para_timor_leste), Acesso em janeiro de 2015.
- Perrot, M. 2005, *As mulheres ou os silêncios da história*. Edusc, Bauru.
- Silva, K. 2012, 'Riqueza ou preço da noiva? Regimes morais em disputa nas negociações de casamento entre elites urbanas timorenses', Leach, M. et al. (eds) *New Research on Timor-Leste*, Swinburne University Press, Hawthorn.
- 2014, 'O governo da e pela kultura. Complexos locais de governança na formação do Estado em Timor-Leste', *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 104.
- Silva, K. and Simião, D. 2017 [in press], Negotiating culture and gender expectations in Timor-Leste: ambiguities in post-colonial government strategies. To be published at: Niner, Sara (ed) *Women and the politics of gender in Timor-Leste*, Routledge, London.
- Simião, D. 2006, 'Imagens da dor: sentidos de gênero e violência em negociação no espaço urbano de Dili, Timor-Leste', in Paulo Seixas (ed) *Diversidade Cultural e a Construção do Estado e da Nação em Timor-Leste*. Editora Universidade Fernando Pessoa, Porto, pp. 165-178.
- World Bank 1994, *Enhancing women's participation in economic development: a World Bank policy paper*. World Bank, Washington DC.